

125  
24/1

"O GLOBINHO OU O CONTO DAS MÃOS"

Autor: João Luís Gomes

Baseado na Obra de Carlos José Reys e no Roteiro teatral de Ricardo Pontana.

SBAT  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENÁRIO ADJ. TEX-  
TO. A LÍNGUA PORTUGUESA ESTÁ  
SUJEITA A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. C. S. C.



Omar - De onde que lado vem o vento (Winguém lha dá atenção) Ei,  
de que lado vem o vento?

Dante - Deste.

Cocó - O que estás fazendo?

Ester -

Omar - Estou fazendo um pand orga.

Ester - Deixa eu te ajudar?

Pilar - E eu posso?

Cocó - E eu?

Dante - E eu?

Pedro - E eu?

Omar - Claro, mas ela não sob e.

Pedro - É que lha falt a rabo.

Pilar - Tens razão. Tá faltando rabo, este está muito curto.

Ester - Aqui tem um pilha de trapos coloridos, me ajudem.

Omar - Faz tempo que e stou tentando mãs não consigo.

Dante - Eu acho...

Ester - Cale a boca e amarra...

Pedro - Deixe eu por este am arelo.

Pilar - E eu este verme lho.

Cocó - E eu este verde.

Ester - (A Dante) - Ma s este est á mal, vai desamarrar.

Dante - Já está a sabidona.

Pilar - Ah, não comecem.

Ester - Traz que eu te ensino.

Pedro - Está ficando um barato.

Omar - Será que agora sobe?

Cocó - Claro que sobe.

Ester - Tá agora têm que segurar bem alto.

Dante - Ah, eu, eu, eu, já sei. (Se coloca de quatro patas.)

Alguém tem que subir em cima de mim.

Ester - Assim tá muito baixo.

Pedro - Eu subo mais alto.

Dante - Claro, claro.



Pilar - Cuidado, tu vais cair.  
 Pedro - Me dê, me dê a pandorga, rápido.  
 Pilar - Toma. Segura.  
 Ester - Devagar, vão estragá-la.  
 Pilar - Vão mais pra trás, mais pra trás.  
 Pedro - Não tires da corda, aflocha por favor.  
 Dante - Não te mechas tanto.  
 Ester - Cuidado.  
 Omar - Estam loucos.  
 Pilar - Assim não.  
 Cocó - Vocês vão cair, vão cair.  
 Pedro - Dante - Aaaaaahh. (Caem no chão)  
 Ester - Eu te disse, contigo não dá para brincar. Olha como ficou.  
 Contigo não brinco mais.  
 Dante - Que me importa, tu és uma brigona.  
 Cocó - ( A Pedro) Queres brincar nos barcos?  
 Dante - Eu não.  
 Pedro - A todo o vapor.  
 Omar - Às suas ordens meu capitão.  
 Pedro - Têm que ajudar com os remos para que os inimogos não nos ã alcancem.  
 Pilar - Capitão, capitão. Estou vendo, estou vendo...  
 Pedro - O que vês?  
 Pilar - Inimigo am alto mar. Inimigo a estribor, inimigo a popa.  
 Omar - Me parece que estamos rodeados meu capitão.  
 Cocó - Capitão, capitão.  
 Pedro - Que foi?  
 Cocó - Posso ir ao banheiro?  
 Pedro - Cale a boca. Que estão esperando ignorantes. Liguem o motor e a todo o vapor. Arremetamos contra o inimigo.(Começa a fazer ruído e a remar.)  
 Ester - E se fizassemos um pacto?  
 Dante - Eu? Contigo?  
 Ester - Claro.  
 Dante - nem pensar nisso.  
 Assim  
 Ester - Assim podemos brincar. Olha...ésta é minha mão.  
 Dante - E daí? Eu também tenho, olha.  
 Ester - Parece que estão se aproximando.  
 Dante - Os inimigos?  
 Ester - As mãos.  
 Dante - Eu não quero.  
 Ester - Mas estão por se juntar.  
 Dante - Bom, ao pacto.  
 Todos - Bravo. Fenomenal. Muito bem. Assim não brigam.(Começam a li brincar, com sons que logo se integram a canção. Os sons vão sendo substituídos por palavras, até chegar a cantar a canção.)

TODOS

Sou tua mão  
 e a mão daquele  
 a mão do outro  
 a mão dele  
 Sou mãos que abanam  
 e também acariciam  
 mãos que espirram



e morrem de rir.

3

Mãos grandes e calejadas  
arando a terra  
construindo casas  
para se abrigar das tempestades

Sou tua mão  
e a mão daquele  
e a mão do outro  
a mão dele.

Sou mãos que coçam  
o nariz que te pica  
e tuas mãos que escrevem  
com lápis e com tinta.

Mãos que sonham com  
galaxias e cometas.  
Mãos que ameaçam barro  
rancho de gente humilde

Mãos que abraçam forte  
e apertam mãos e mãos  
fabricando pão de trigo  
para comer da tua mão.

Dante - Eu sou a mão azul. (Sai correndo até um extremo)

Pilar - Eu sou a mão vermelha. (Vai até está Dante)

Omar - (Vai até outro canto)

Ester - Eu uma mão que canta. (Vai pra junto dos demais)

Pedro - Eu sou...eu sou...O que eu sou?... Sou um pedaço de sol...  
uma cadeira estragada...um gato peludo...ajudem-me...  
(Se mete dentro de um globo)

Ester - Anda rápido, te decide.

Dante - Assim continuamos brincando.

Pedro - (Vê uma forma circular de mais de um metro) Eu sou...  
(Se mete dentro)

Ester - E issá o que é?

Dante - Que será?

Pilar - É raríssimo. (Pedro começa a mover-se lentamente. Pilar se assusta)

Ester - Que está acontecendo contigo?

Pilar - Ele está se mechendo, tenho medo.

Dante - Não precisa ter medo.

Ester - Não faz nada. Ele gira, olha. Vem toque-o.

Pilar - (Sempre com medo) - Não consigo mover-me-

Ester - Dante, eu seguro suas pernas e tu segura as mãos dela.  
Assim ele pode tocá-lo.

Pilar - ~~Aj~~, ai, ai, não ~~quer~~ olhar. (Fecha os olhos, os outros fazem com que elatoquer no Globinho.

Ester - Viu?

Pilar - Já toquei?

Dante - Não aconteceu nada, não é?

Pilar - Eu já posso me mecher. (Brincam com o Globinho, fazendo-o girar por todo o espaço.)

Dante - O unico que faz é dar voltas. Já estou me enchendo.





- Pilar - Não estará querendo nos dizer algo?  
Ester - Com que boca?  
Pilar - Pobrezinho. E se pintamos a sua boca?  
Dante - Tens razão. Eu tenho tintas.  
Ester - Se vem um temporal, adeus boca e voltamos ao mesmo.  
Pilar - Aqui tem um pano enorme  
Ester - Bom, façamos uma boca violeta. Recortamos? Tesoura eu tenho.  
Dante - Melhor que nada.  
Ester - Mãos à obra.  
Pilar - Assim bem esticado.  
Dante - Eu recorto, eu recorto.  
Ester - Tu não sabes.  
Dante - Ufa. Sempre tu, sempre tu. Tá bem.  
Ester - Assim, bem grande.  
Dante - Vamos colocar agora.  
Ester - (A Dante) Segura deste lado.  
Pilar - Coloca.  
Dante - (Vai colocar a boca com Pilar e Ester)- Do lado direito, mais em cima, mais em baixo.)  
Ester - Já está.  
Pedro - Oooooo.Oooooo.Holá. Holá.Quem são vocês? Quem sou eu? De onde venho?Onde estão? Como estão? Onde estou? Obrigado. Obrigado. Porque agora mesmo não podia falar, até que alguém me pos esta...esta...es...ta...abertura para poder fazer e dizer: Holá.Holá. Quem sou? Quem és? Onde estão? Como estão? Onde estou?. Obrigado. Obrigada. Porque agora mesmo não podia falar até que alguém me colocou esta...esta...abertura para poder fazer e dizer: Holá, holá, holá. ( Lhe tapam a boca.)  
Ester - Estava afim de falar, não?  
Pilar - Agora ficou mais tranquilo.  
Ester - É como se houvera nascido.  
Dante - Holá.  
Ester - Como vai?  
Dante - Adormeeu.  
Pedro - Holá.Holá. Quem és? Quem sou? Onde estão? Como estão? Onde estou? Obrigado. Obrigado. Porque agora mesmo não podia falar, até que alguém me colocou esta...esta... abertura para poder fazer e dizer:(Dante lhe tapou boca)  
Dante - Repete sempre a mesma coisa. Me cança.  
Pilar - O que querem? Se ele não nos ouve, de vai falar?  
Dante - E se lha colocamos orelhas? Uma de elefante e outra de galinha?  
Ester - Que feio. Com uma orelha enorme e outra que não se vê.  
Pilar - Depois e vai ouvir mais de um lado que do outro. Não ~~me~~ gosto.(A Sra. Taça cruza a cena em cima de um skate.)  
Dante - Já sei. Vamos pedir uma orelha empestada à sra. Taça. (Sai correndo atrás da sra. Taça e os outros também)  
Sra. Taça. Sra. Taça.  
Pilar - Sra. Taça. Sra. Taça.  
Ester - Sra. Taça. Sra. Taça.  
Dante - Sra. Taça um momento.  
Ester - Temos um problema.  
Pilar - Nos ajude.  
Dante - Por favor.





Sra. Taça - Impossível. Estou atrazadíssima, jovezinhos.  
Me esperam em um chá de taças de porcelana.

Ester - Mas é só um segundo.

Pilar - É muito importante.

Dante - Só um pergunta.

Sra. Taça - Meu tempo é ouro. Já estou atrazada. E o que vai dizer a Marqueza de Rosenthal, que sou uma impontual. Não, não, e não. De maneira nenhuma.

Ester - Não precisa parar se não quizer, mas escute-nos.

Sra. Taça - Nem um taxi. Não consigo nem um taxi.

Dante - Mas...

Sra. Taça - Tive que pedir a minha sobrinha, amenor, que me auxiliasse para me safar de vocês e...o que pretendem afinal?

Todos - Não nos empustaria uma de suas orelhas?

Sra. Taça - (Apavorada) - Como? O que vocês estão pensando? Atrevidos. Mal educados. Pretenciosos. Ignorantes. Egoístas. Melhores propostas tenho recebido do conde de Wilow e da Marqaza de Sevres. Me parece um excessivo abuso de confiança atrever-se a me pedir algo semelhante.

Dante - Não se encomode.

Pilar - Acalme-se. Acalme-se.

Ester - Acontece que queremos conseguir uma orelha para ele

Pilar - Assim como está não pode ouvir-nos.

Ester - E não adianta falarmos.

Dante - Por isso lhe pedimos este favor.

Sra. Taça - O que vocês me pedem é horrível. Imagine que se eu lhes fizesse caso; ele teria orelhas, claro, mas eu... A Duqueza de Metzen seria uma desorelhada. A idéia me transtorna. Onde eu colocaria depois as minhas esmeralda? Que diria de mim a Marqueza de Capo de Monte? A Duqueza de Bavária? A Arquiduqueza de Limonges? Estaria na boca de toda gente vulgar e não poderia ouvir mais uma só piada, uma só história. Teria que deixar de ir aos chás de taças de pocelanas. Todas as senhoras elegantes se queimariam os dedos, pois não haveria onde agarrar-se. Impossível. De maneira nenhuma. NO mundo sobram as orelhas, até as paredes têm orelhas. Procurem noutro lugar. Ai, meu Deus. São cinco horas. É tardíssimo. Adeus. Adeus.

Dante - Mas Sra...Nós...

Ester - Deixa. É uma antepática.

Pilar - Que egoísta. Não tivemos sorte.

Dante - E se tentássemos com o açucareiro, que têm duas? De repente...

Ester - Porque vamos pedir? Nós não fizemos a boca?

Dante - É claro. Também podemos lhe fazer as orelhas.

Pilar - E o nariz, pobrezinho.

Ester - Ao trabalho. (Ester se senta no centro e começa a pedir como se fosse um doutor.) Farinha. Papel. Água.

### Canção

Em uma penela dez quilos de farinha,  
com gotas bem cheias de água cristalina.

Mecho e remecho, uma e outra vez  
e misturo duas porções de papel.  
Está pronta a mistura, já tem forma  
e assim o nariz já sente o aroma.  
Com este nariz poderá aspirar  
o ar, as flores, a brisa do mar.  
Perfumes de brisas, perfumes de lua,  
perfume de terra depois da chuva.



Está pronta a mistura, já tem nariz  
com estas orelhas nos poderá ouvir.  
Com estas orelhas ouvirás comigo  
o canto do vento no trigo.  
Com estas orelhas ouvirás comigo  
o trovão que acalma a sede da plantação.  
Com estas orelhas ouve esta canção  
ritmo de tambores no teu coração.

Ester - Bom dia.

Pilar - Como estás?

Dante - Como vai?

Globinho - Ai...a...a...ai...ai...

Dante - O que houve? Fizemos mal as suas orelhas?

Pilar - Mais baixo. Não está acostumado a tanto ruído.

Dante - Será que ele não precisa de antenas como os carros?

Ester - Não digas bobagens.

Globinho - A...a...a...Dói. Mais baixo. Antena. Muito barulho.  
Muito barulho. Bobagens.

Pilar - Como estás Globinho?

Globinho - Globinho? Globinho? Não sabia que eu era Globinho.

Eu sempre flutuei no ar, mas sentia que me acariciavam.  
Ia de um lado a outro. Brincavam comigo, eu acho. Agora  
eu ouço vocês. Como estão? Porque são tantos? Quem são?

Ester - Somos mãos.

Dante - Eu sou a mão azul.

Pilar - Eu sou a mão vermelha.

Ester - Eu sou a mão que canta.

Globinho - Ai, ai, ai, vocês me atordoam. Mais devagar. Não entendo.  
Azul, vermelho. Canta.

Pilar - Claro. Eu sou a mão vermelha. Vermelha é a cor das maçãs e  
dos tomates.

Dante - Do chapéu da minha vovozinha.

Ester - Não lhe atrapalhe mais. Por favor.

Dante - Eu tinha um papagaio vermelho que falava, falava e falava.

Ester - E eu um avestruz que te fazia fechar a boca com uma casseta  
tada.

Dante - Bom, ché. Tudo o que digo está mal.

Pilar - Em vez de explicar-lhe tu o confundes mais.

Ester - Eu sou a mão que canta como os grilos, como as rãs, como  
os pássaros de todas as cores. Vermelho, verde, amarelo,  
violeta, sei lá. As cores do arco-íris.

Dante - O mar é azul. E o céu e a parede da escola, a tinta do tiz  
tinteiro, e a cor de alguns olhos...

Globinho - Que pena. Eu não sei o que é tudo isso.

Pilar - Nos perdoe Globinho, não nos demos conta.



Dante - Mas que baita mancada. Se ele não tem olhos como vai saber.

Globinho - Olhos. Olhos. O que é isso?

Pilar - Olhos para saber como são as coisas. Que forma têm. Que fazem côr. Em que lugar estão.

Ester - Reconhecer tudo.

Dante - Olha, isto é uma flor. Olé.

Ester - Não lhe digas "olha". (Lhe tira a flor da mão)

Globinho - Olé?

Ester - Claro. Eu te toco o nariz. Assim. Se cheira com o nariz. Este é o perfume de uma flor

Globinho - Flor. Perfume. Olé. Flor. Perfume.

Dante - Olha. Se enche como um globo.

Ester - É um globo.

Dante - Bom, quiz dizer que gostou.

Globinho - Flor. Que lindo cheiro. Como é?

Dante - Tu gostaria de ver?

Ester - Não lhe pergunte asmeiras. Claro que ele gostaria. Temos que fazer uns olhos.

Pilar - Que vergonha. Depois vai nos ver.

Dante - Faremos com um pedaço de pano, como fizemos a boca.

Ester - Mas se ele chorar encolhe.

Dante - Já sei. Vamos à padaria e compramos olhos de boi.

Pilar - Isso é espantoso. Vai parecer que tem lentes vermelhas. E depois ele passaria chorando.

Dante - E olhos de frutas?

Ester - Como frutas vão ficar os teus olhos se tu não ficar quieto.

Dante - Está bem. Não me pegam mais opiniões, mas os olhos tem que ser resistentes senão quando pisca se vão estragar todos.

Pilar - Ui. Durmiu. Deve estar cansado.

Ester - É que discutimos tanto que se aborreceu. Bom, mas por um lado é melhor que esteja dormindo. Agora lhe cantemos uma canção de ninar, assim quando se despertar poderá nos ver.

### CANÇÃO

A senhora lua  
veio até a minha almofada  
me soprou na orelha  
uma gota de água cristalina  
Com uma escada de forma alongada  
subir a noite  
Tomar duas estrelas  
brilhantes e belas  
com um par de óculos  
servindo de olhos.

A Sra. lua  
Veio até o meu traveceiro  
me falou na orelha  
me soprou na orelha  
uma gota de água cristalina  
Para que o Globinho  
pequeno e tão só  
conhece este mundo





com seu próprio olhos.

(O Globinho segue dormindo e tentam despertá-lo)

Pilar - Globinho

Ester - Globinho

Dante - Nem dá bola

Pilar - Globinho

Ester - Globinho

Dante - E se fizéssemos um pouco de ruído para que ele acorde?

Ester - Não sejas bruto.

Dante - Vamos por um despertador

Pilar - É capaz de se assustar. Não está acostumado a levantar para ir trabalhar.

Globinho - (Sonhando suspira)

Ester - Está sonhando

Dante - Meche nele assim acorda.

Ester - (Lhe põe os olhos) Globinho.

Globinho - (Despertando observa tudo) Ai, ai. Que está acontecendo?

Dante - Como foi o sono?

Globinho - Ahã? Ahã? Que está acontecendo?

Pilar - Tu estavas sonhando.

Globinho - Sonhando?

Ester - Claro. Quando fechamos os olhos dormimos e vemos coisas. Isso é sonhar.

Dante - Agora está com nós.

Globinho - Vocês? Ah, que engraçado. Vocês se movem.

Pilar - Somos as mãos. Não nos vê?

Globinho - Então isso é a verdade? E as cores, onde estão as cores?

Dante - Este é o azul.

Globinho - E aquele?

Ester - O sol amarelo. Brilha. Tem luz.

Globinho - Agente pode agarrá-lo?

Pilar - As vezes.

Globinho - Tem forma as cores?

Ester - Estão em todas as formas.

Globinho - E isto o que é?

Dante - Um sapato

Globinho - E isto?

Ester - um tapete

Globinho - E isto?

Pilar - (Envergonhada) A minha mão

Globinho - Onde fica o céu? E os pássaros? E o pasto a grama?  
E os caminhos? As nuvens, as estrelas? E o violeta?  
A flor? Onde está a flor?

Dante - Devagar, devagar, assim tu vai te cansar.

Globinho - E quando a gente se cansa de ver, o que faz para não ver?

Pilar - Se fecha os olhos

Globinho - Como?

Pilar - Assim, eu te ajudo

Globinho - Ah. (lhe fecha os olhos. Fica um instante assim e vol-

Dante - tam a lhe abrir) - Já descansei, posso seguir olhando?



Dante - E se brincamos de girar? Mas com todo o corpo, hei?

Globinho - Eu não tenho isso

Ester - Sempre dizendo o que não deves

Pilar - Não seria melhor flutuarmos?

Globinho - Não, não, eu quero ter corpo. Para ir de um lado a outro. Direito e rapidinho.

Dante - É difícil. (Pilar se esconde de baixo de uns trapos)

Globinho - Me empresta o teu. Eu giro e te devolvo.

Dante - Não dá. E se lhe fizemos uma calça?

Ester - E onde vamos por nele?

Globinho - O que é uma calça?

Dante - Isso. Calça de tecido

Globinho - De tecido

Ester - Claro, tecido. Alguém tem que fazer de tecido.

Dante - Eu sou mão

Ester - Já sei, vamos pedir a Pilar.

Dante - E se ele faz de tela?

Ester - Se é Globinho não é tecido. Em quem lhe pomos o corpo? se não Pilar? Pilar.

Dante - Onde se meteu?

Ester - Tem que encontra-la. Vão por aí.

Dante - Eu vou por lá. Pilar. Pilar.

Globinho - Pilar. Pilar.

Dante - Por aqui tem rastro de Pilar. Um cheiro de Pilar, um sapato de Pilar, um rabo de Pilar. Um corpo de Pilar. Pilar está em baixo destes trapos.

Ester - Vem brincar com nós.

Pilar - Não. Tenho vergonha. Sigam vocês

Ester - Anda que tens que se disfarçar de tecido

Pilar - Seguem vocês, eu olho

Ester - Não vamos deixar a brincadeira pela metade. Anda que tu é o tecido, hei?

Pilar - Bom, está bem. Sou o tecido. (Pilar começa a girar em câmara lenta. O Globinho fica deslumbrado pela cores e o flutuar do tecido. Este vai envolvendo-o e no meio desta magia para o Globinho a tecido lhe põe mãos e corpo.)

Tecido - Quem são? és?

Globinho - Globinho. Quem és?

Tecido - Todos os tecidos do mundo.

Globinho - Eu preciso...

Tecido - O que?

Globinho - Eu gostaria...

Tecido - O que?

Globinho - Não sei bem.

Tecido - Eu preciso...

Globinho - Que?

Tecido - Ser corpo.

Globinho - Isso, isso.

Tecido - Ser. (Tecido desaparece rodando. O Globinho fica assustado, se olhando)

Globinho - Viram como se faz um boneco, parte por parte...Ai, o que houve? O que é isso que me leva e não me deixa... Ah, é o vento. Aonde me levava? Tenho frio, frio na cabeça. Eu precisaria...

Dante - De cabelo.

Globinho - Cabelo. O que é isso?





Dante - Espera um pouco que já te trago. (Dante sai e volta com o Senhor dos Cabelos)

Globinho - Não vá embora. Não vá embora. Foi embora mesmo. Cabelo. Ca-be-lo-. Cabelo. Mas o que é isso? Oh. (Aparece o Sr. dos Cabelos, agachado enrolado num traje de lãs de todas as cores.)

Globinho - Olá. Olá.

Sr. Cabelos - (Brinca com ele correndo de um lado a outro)

Globinho - Boa tarde. Boa tarde.

Sr. - (Faz ruídos)

Globinho - Que disse?

Sr. - Tem número senhor?

Globinho - Número. O que é isso.

Sr. - Não vem atender?

Globinho - Eu?

Sr. Bom, bom. O seu nome?

Globinho - O quê?

Sr. - Como se chama?

Globinho - Globinho.

Sr. - Sobre nome?

Globinho - Globinho.

Sr. - Bom. Endereço?

Globinho - Globinho.

Sr. - Estou trabalhando menino, e não estou para brincadeiras. Onde vive? Onde está?

Globinho - Aqui.

Sr. - Nesta hora não tenho sentido de humor. Trago a solução lacrada.

Globinho - Eu...

Sr. - Trago uma amostra do tipo de cabelo que o senhor deseja.

Globinho - As Sras. mãos me disseram que o senhor me colocaria um pouco na cabeça, porque tenho um frio terrível...

Sr. - Cál-se. O Sr. tem autorização para usar cabelo? Do contrário está terminantemente proibido.

Globinho - Acontece...que eu não entendo...

Sr. - Não me interrompa. Boa tarde. O seguinte...Passe o seguinte. O que está acontecendo? O Sr. é surdo? Não lhe disse para se retirar? (Globinho começa a chorar)

Globinho - É que...é que...as Sras. mãos são muito amigas minhas. Elas me ajudaram a nascer...(Continua chorando)

Sr. - Não me diga que estás chorando? Vamos...vamos...não é para tanto. Não chore. Me desculpa. É que eu sou muito bruto. Me perdoe. Queres um copo de água? Eu te dou um bombom. Queres um pouco de sol? Vamos à praia? Vamos, acalme-se. Respira fundo. Respira fundo.

Globinho - Isto é chorar?

Sr. - Me perdoe?

Globinho - O que é perdoar?

Sr. - Esquecer que eu te tratei mal e sermos amigos cada vez mais.

Globinho - Amigos. As Sras. mãos são muito amigas minhas.

Sr. - E os amigos se dão as mãos, assim. (Agarra sua mão). Eu sou o Sr. dos Cabelos.

Globinho - E eu o Globinho.

Sr. - Bom, agora que somos amigos, de que côr queres o cabelo?



Globinho - O que?

Sr. - O cabelo. Isto que eu tenho de todas as cores. Pode ser cumprido ou curto. Formar barba, suíça, bigodes. Cresce justo em cima da inteligência. Em cima das idéias. No jardim da cabeça.

Globinho - Na cabeça? Deixa ver... (toca sua cabeça) - Tens raiz?  
Está toda lisa. O que tem que fazer para terlo?

Sr. - Somente escolher. No inverno vai te proteger do frio.

Globinho - E pode ser de qualquer côr?

Sr. - Lógico. A côr que mais gostares.

Globinho - É que todas são tão lindas.

Sr. - Bem, um pouquinho de cada uma. Venha cá. Está pronto.

Globinho - Já tenho cabelo?

Sr. - Sim.

Globinho - (Olha para cima pra ver o cabelo) - Ui. Estragaram meus olhos, não posso olhar meu cabelo.

Sr. - Não é que estragaram. Tem outra maneira de se olhar. Mas váis ter que me ajudar.

Globinho - E seu eu ajudar poderei ver todo meu cabelo?

Sr. - Se chamamos um amigo sim, poderás ver todo o cabelo.

Globinho - Sim, sim. Vamos chamá-lo. Onde vive? Onde está? Que venha em seguida. Muito rápido. Rapidinho. Onde está? E se ele não vier?

Sr. - Bem, fique tranquilo, tranquilo. Sempre que eu o chamo ele vem. Mas tens que ser muito amável com ele. Ele é um pouco velho e surdo. Temos que chamá-lo bem forte, mas, com voz muito doce. Deve estar dormindo em alguma fonte ou em algum vale. A última vez que o chamei ele dormia em uma gota de chuva. Vamos chamá-lo: Espelho. Senhor Espelho.

Globinho - Espelho. Espelinho. (Continuam chamando até que ele se acordava bocejando)

Espelho - Já vou. Já vou. Que está chamando? (Entrando) - Ah, queridíssimo senhor dos Cabelos. Oitocentos anos que não nos viamos. Como estás? Tão jovem como sempre.

Sr. - Não é tanto assim. Para o senhor sim é que não passam os anos, meu amigo, parece um menininho.

Globinho - Olá, estou aqui.

Sr. - Ah, estava esquecendo. Lhe apresento o Sr. Globinho. Quer olhar-se e se conhecer. Ah, a juventude... É um recém nascido.

Espelho - Tem certeza que queres ver-se?

Globinho - Sim, sim, agora.

Espelho - Como tem gente que ainda se anima. Mas não tenhas ilusões. Não melhore nem piore as coisas. As mostro como são na realidade.

Globinho - E o que tenho que fazer?

Espelho - Fique diante de mim. Devagar. Devagar. (O Globinho se coloca na frente do espelho e ~~ai~~ este se transforma na imagem. Como um boneco idêntico ao Globinho segue seus movimentos.)

Globinho - Ah.

Espelho - Ah. Ah.

Globinho - Este sou eu?

Espelho - Este és tu.

Globinho Estes são os meus olhos?





- Espelho - Estes são os teus olhos.  
 Globinho - E posso olharas minhas mãos?  
 Espelho - E posso olharas tuas mãos?  
 Globinho - Que pálida.  
 Espelho - Que pálida.  
 Sr. dos Cabelos - Esta é outra côr. Todas as cores.  
 Globinho - (Sorrindo) - O cabelo de todas as cores.  
 Sr. - Se não gostares trocamos.  
 Globinho - Sim, sim, eu gosto.  
 Espelho - Sim, sim, eu gosto.  
 Globinho - Olá Globinho.  
 Espelho - Olá Globinho.  
 Globinho - E posso caminhar para trás?  
 Espelho - E posso camiar para traz?  
 Globinho - E descer?  
 Espelho - E descer?  
 Globinho - E subir?  
 Espelho - E subir?  
 Globinho - E rodar?  
 Espelho - E rodar? (O espelho roda no seu lugar, o Globinho roda, o boneco desaparece. O Espelho fica quieto.  
 Globinho - Que foi?  
 Espelho - É o que eu gosto. Brincar com as pessoas.  
 Sr. - Escapaste do espelho.  
 Globinho - Esse é outro eu?  
 Espelho - Este é outro tu.  
 Globinho - Esteu aqui e estou aí.  
 Espelho - Estou aqui e estás aí.  
 Sr. - Mas não és um só.  
 Globinho - Uma, duas, três, quatro mãos.  
 Espelho - Uma, duas, três, quatro mãos.  
 Globinho - Com quatro mãos se pode fazer mais coisas.  
 Espelho - Com quatro mãos se pode fazer mais coisas.  
 Sr. - São as tuas. É a tua imagem que está dentro do espelho.  
 Se ficares na frente vais ver. Também poderá buscar dentro de ti mesmo.  
 Globinho - Eu gosto. Que lindo ver-se todo inteiro. Agora parece que estou completo. Antes era somente um Globinho que girava no ar e que brincava com outro Globinho. Agora até posso sorrir. Agora posso ser carpinteiro para fazer cazinhas com muitas janelas e assim as pessoas nas manhãs se cumprimentem e dizem: Olá, Olá. Plantar sementes de muitas flores para que o perfume inunde todos os lugares. Quero desenhar elefantes e leões, com ou sem patas. Não, com patas bem grandes e fortes, assim podem saltar pelo vales, pelas montanhas, desertos, colinas... Agora quero dar um presente às senhoras mãos, a essas mãos que eu quero, às mãos que fizeram todos os lugares do mundo...  
 Sra. Taça - É incrível. Inconcebível. Indiscreto. São umas estabanadas. Estou furiosa. Furiosa. E sempre comigo. sempre comigo é que acontecem estas coisas. (Globinho vai até ela).  
 Globinho - Sra. Taça, Olá.



Sra. Taça - Eu conheço você desde que era pequenininho assim.  
(Faz o sinal com a mão?)

Globinho - Que alegria voltar a encontrá-la. Sabe quemestou pre-  
rando uma surpresa para as Sras. Mãos?

Sra. Taça - Sras. Mãos? Mãos me faça lembrá-las.

Globinho - Porque?

Sra. Taça - Por muitas razões que passo a relatar-te. Primeiro:  
São umas grosseiras e estabanadas. Segundo: Olham,  
olhem. Me deixaram sem orelhas. A única que tinha.  
Terceiro...

Globinho - Mentira, mentira. Não são nada do que a Sra. diz.

Sra. Taça-Silêncio menino. Como me alegro de não ter te emprestado  
minha orelha, porque és muito imprudente. Se vens comigo  
e me emprestar tua orelha prometo te convidar para um café  
com leite ou uma xícara de chocolate com doces, entre  
gente fina, importate, importante. Lhe darei o chá da  
Índia.

Globinho - Da Índia? Sim Sra. Taça. Mas vamos convidar as Sras. Mã  
Mãos.

Sra. Taça - Não, não e não. Estas não, de maneira nenhuma.

Globinho - Por que não. Por acaso não foram ela que a fizeram?

Taça - Não menino. Eu fui feita por mãos européias.

Globinho - O que é européia?

Taça - Isto é o cúmulo. Não posso continuar suportando semelhantes  
ofensas. Europeu. Não sabe o que é europeu. Eu vou embora.  
Vou embora. E não espere por minha despedida. (Sai de cena)

Globinho - Sra. Taça não vá...se foi. E agora que faço? Quero dar  
um presente às Sras. Mãos, mas não sozinho. Posso  
dar-lhe um pedacinho de sol, um pedaço da lua ou um bar-  
quinho de papel. Tenho uma idéia, vou chamar os meus  
meus amigos: Dante, Ester, Pilar, Cocó, Pedro. (Entram  
todos) - Venham que tenho uma idéia.

Todos - Qual?

Globinho - Quero dar um presente às Sras. Mãos.

Ester - Que legal.

Globinho - Uma bala,

Pilar - Um barquinho de papel.

Omar - Um arco-íris.

Dante - E se lhe demos uma musica?

Todos - Sim.

### Canção

Ai, mão, mãozinha mão  
mãozinha do toque triste  
és a ti que cantamos  
porque não dormiste  
Ai mão, mãozinha, mão  
mãozinha que faz vento  
é a ti que cantamos  
mãos que escrevem contos  
Perfil de mãos curtadas  
arando e semeando  
perfil de mãos que lutam  
e fazem crescer o dia.



Ai, mão, mãozinha, mão  
mãos de pensamento.  
é ati que cantamos, cantamos  
mãozinha de rumo certo  
mãos que suam e cantam  
com um sonho na garganta.  
Mãos que sonham tempos  
de tempos idos  
tempos de sonhos mortos  
com aromas de jasmims  
Mãos que abenam  
desenham o espaço  
e vemos outro dia  
brincando com estas mãos  
Cedinho e muito cedinho  
num teatro na praça  
na beira da calçada  
ou no pátio da escola  
um palco, um terraço  
ou num terreno baldio qualquer  
Tempo de todas as mãos  
em soar de tambores  
tempo de todos nós  
sonhando todas as cores.



Fim